

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

16 a 23 de setembro 2022 | www.abbc.org.br



Imunidade Temporária

Ao elevar os temores de uma recessão global e aumentando a aversão ao risco, as sinalizações da política monetária internacional foram as grandes protagonistas da semana. Como consequência, os índices das principais bolsas caíram significativamente. O retorno dos títulos da dívida dos EUA de 10 anos subiu 0,24 p.p. no período para 3,69% a.a.. As cotações das *commodities* reduziram-se, com o barril de petróleo tipo Brent recuando de -5,7% para US\$ 86,15. O dólar apreciou-se em relação às moedas dos países desenvolvidos e emergentes. De forma temporária, os ativos domésticos apresentaram uma relativa imunidade a essa volatilidade, com o Ibovespa encerrando a semana com alta de 2,2% e o real depreciando-se em apenas -0,2%. Refletindo o elevado grau de incerteza em torno das premissas e projeções, a decisão do Copom em manter a Selic em 13,75% a.a. não foi unânime de forma que 2 diretores votaram por uma elevação residual de 0,25 p.p.. Como novidade na comunicação, o Copom assinalou um eventual estreitamento do hiato do produto em relação ao utilizado em seu cenário, particularmente no mercado de trabalho. Apesar da sinalização mais dura, indicando a possibilidade de um novo aumento da Selic no caso de necessidade e que deverá ser mantida por período suficientemente prolongado para que as expectativas inflacionárias de mercado convirjam às metas, o comportamento do mercado de juros futuros foi no sentido contrário ao verificado no exterior, com quedas nos prêmios em todos os vértices da estrutura a termo. Assim, a taxa real de juros *ex-ante* reduziu-se em -0,34 p.p. para 7,80%, ainda em patamar fortemente contracionista. O saldo em transações correntes do balanço de pagamentos registrou superávit de US\$ 1,3 bilhão em junho e um déficit de US\$ -4,1 bilhões em julho, acumulando um déficit de US\$ -36,6 bilhões em 12 meses contra US\$ -33,6 bilhões em jun/22. Mesmo com a alta em todos os meses do ano, o índice de consumo das famílias da CNC aponta ainda insatisfação das famílias em relação a emprego, renda e capacidade de consumo. Apesar da recuperação, o monitor do PIB da FGV sinaliza para o 2º semestre uma perda de intensidade, dada a forte redução da demanda reprimida pela pandemia. Para esta semana, destaques para o comunicado do Copom, RTI, as divulgações dos dados fiscais, Caged, Pnad e sondagens de confiança e PIB dos EUA.

Expectativas

IPCA (%) Mediana - agregado			
	23/09/2022	Ult. Semana	Há 4 semanas
set/22	-0,15	-0,11	0,33
out/22	0,37	0,41	0,53
nov/22	0,50	0,50	0,51
2022	5,88	6,00	6,70
2023	5,00	5,01	5,30
2024	3,50	3,50	3,41

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

No mais recente Boletim Focus, a mediana das estimativas para o IPCA de set/22 passou de -0,11% para -0,15%, a de out/22 de 0,41% para 0,37%, mantendo-se em 0,50% para nov/22. Desta forma, o IPCA esperado para 2022 caiu -0,12 p.p. para 5,88% e para 2023 cedeu -0,01 p.p. para 5,00%. Para 2024, o indicador manteve-se em 3,50%. A projeção da inflação acumulada em 12 meses no 1T24, o horizonte relevante para a política monetária, seria de 4,36%, acima dos 3,50% assinalado no comunicado do Copom. Em linha, em 23/09, a inflação implícita nas negociações de títulos públicos para o prazo de 1 ano diminuiu -0,25 p.p., atingindo 5,11%, e a de 2 anos caiu -0,32 p.p., encerrando em 5,17%. Sob reflexo dos bons números de alta frequência para a atividade, houve novamente ajuste para cima nas estimativas para o crescimento do PIB em 2022, com a expectativa passando de 2,65% para 2,67%. Para 2023, aguarda-se uma desaceleração para 0,50%. Para 2024, houve aumento na expectativa de 1,70% para 1,75%. Sem mudanças, as previsões para a meta Selic mantiveram-se em 13,75% a.a. ao final de 2022. Com início de queda em jun/23, a estimativa é de que a Selic finalize em de 11,25% a.a. no final de 2023 e em 8,00% a.a. em dez/24. A mediana para a taxa de câmbio seguiu em R\$ 5,20/US\$ aos finais de 2022 e 2023, oscilando ligeiramente de R\$ 5,11/US\$ para R\$ 5,10/US\$ ao término de 2024.

Na seara fiscal, houve melhora no prognóstico para o resultado primário de 2022, variando de 0,75% para 0,90% do PIB. Para 2023 e 2024 continuou em -0,50% e 0,00%, respectivamente. Para o resultado nominal, as estimativas variaram de -6,70% para -6,40% do PIB para 2022, permanecendo estáveis nos 2 anos seguintes: -7,70% do PIB em 2023 e -6,00% do PIB em 2024. Finalizando, a dívida líquida do setor público estimada apresentou ligeira melhora para esse ano ao passar de 58,7% para 58,4% do PIB, mas com piora para 2023, de 63,17% para 63,23% do PIB, mas mantendo-se em 65,2% do PIB para 2024.

Aversão ao Risco

Bolsas Internacionais

Bolsas	23/09/2022	Variação		
		Semana	Mês	12 meses
Bovespa	111.716	2,2%	-1,0%	-2,1%
Nasdaq	10.868	-5,1%	-12,2%	-27,8%
S&P	3.693	-4,6%	-10,5%	-17,0%
Dow Jones	29.590	-4,0%	-10,1%	-14,9%
Nikkei 225	27.154	-1,5%	-4,6%	-8,4%
Xangai	3.088	-1,2%	-5,7%	-15,2%

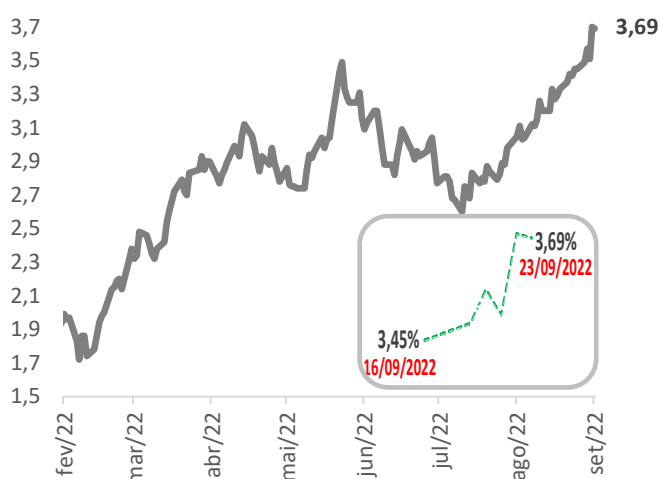
Diversos Bancos Centrais reagiram à inflação persistentemente alta com a intensificação dos processos de aperto monetário. Nesse sentido, destacaram-se as elevações nas taxas de juros promovidas nos EUA, Zona do Euro, Inglaterra, Suécia e Dinamarca. Como desdobramento, cresceu a probabilidade de constituição de uma recessão de caráter global, produzindo na semana uma forte elevação da aversão ao risco nos mercados globais.

A deterioração foi traduzida na queda das principais bolsas internacionais, com destaque para as retrações de -5,1% no índice Nasdaq, de -4,6% no S&P, de -4,0% no Dow Jones, de -1,5% na Nikkei 225 e de -1,2% na Xangai. Por sua vez, o Ibovespa foi na contramão, com alta de 2,2%, sustentado pelo setor financeiro e consumo. Já o risco soberano brasileiro, medido pelo prêmio do CDS de 5 anos, subiu 34,7 bps. na semana para 281,0 bps..

A comunicação do Comitê de Política Monetária do Federal Reserve (Fomc), sinalizando um maior comprometimento em levar a inflação à meta, reforçou o movimento de alta nos retornos das T-Notes, com o retorno dos títulos de 2 anos aumentando 0,35 p.p. na semana para 4,20% a.a., enquanto o de 10 anos subiram 0,24 p.p. para 3,69% a.a..

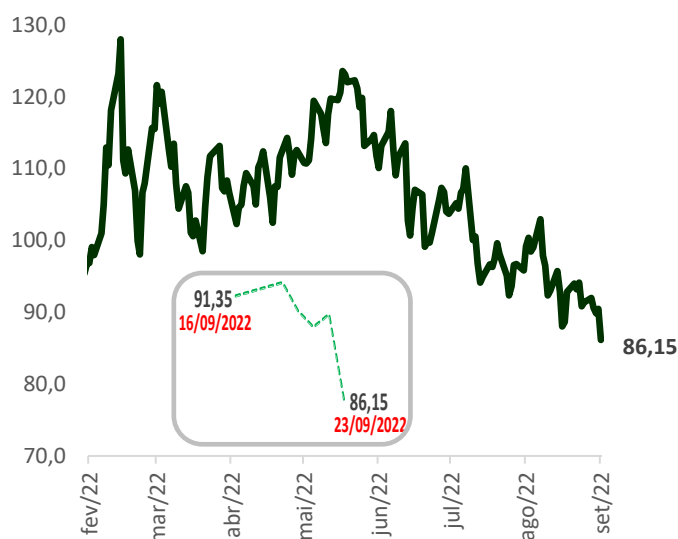
Paralelamente, o aumento da aversão ao risco impactou negativamente os preços das *commodities*. A cotação do barril de petróleo tipo Brent registrou queda de -5,7% na semana, encerrando em US\$ 86,15, com o risco de recessão sobrepondo as dificuldades que o setor enfrenta pelo lado da oferta. Ainda que com alta acumulada no ano de 10,8%, vale assinalar que a cotação está -3,4% abaixo da observada em 1/fev/22, antes do início do conflito no Leste Europeu.

T-Note - (% a.a.)



Petróleo

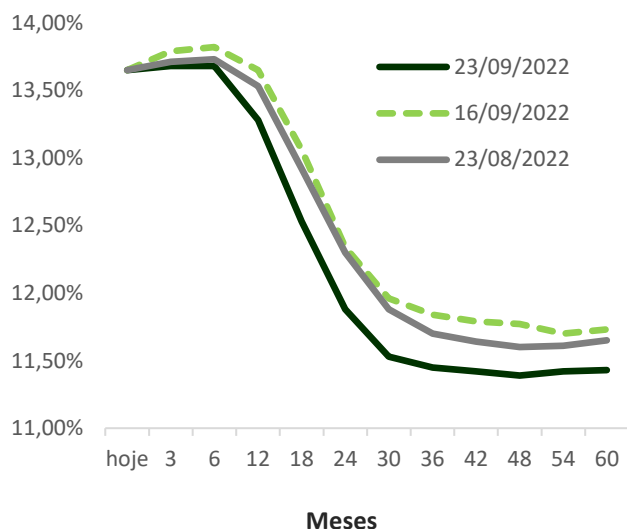
Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

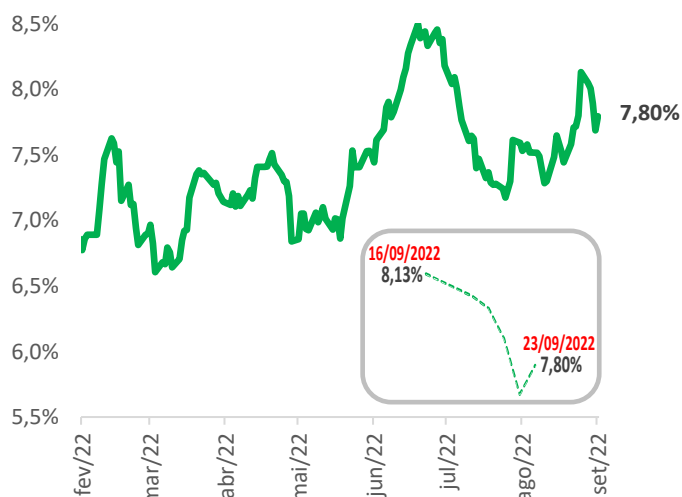
Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



O destaque da semana ficou com a decisão do Copom em manter a meta Selic em 13,75% a.a., encerrando momentaneamente o ciclo de aperto monetário. Adicionalmente, o comitê alertou que a política monetária dependerá da evolução do balanço de risco, abrindo a porta, inclusive, para uma eventual alta caso as condições se deteriorarem. Contudo, apesar da sinalização mais dura indicando que a Selic deverá ser mantida por período suficientemente prolongado, o comportamento do mercado de juros futuros foi no sentido contrário ao verificado no exterior, com quedas nos prêmios em todos os vértices da estrutura a termo.

Taxa Real de Juros (a.a.)

Ex-ante

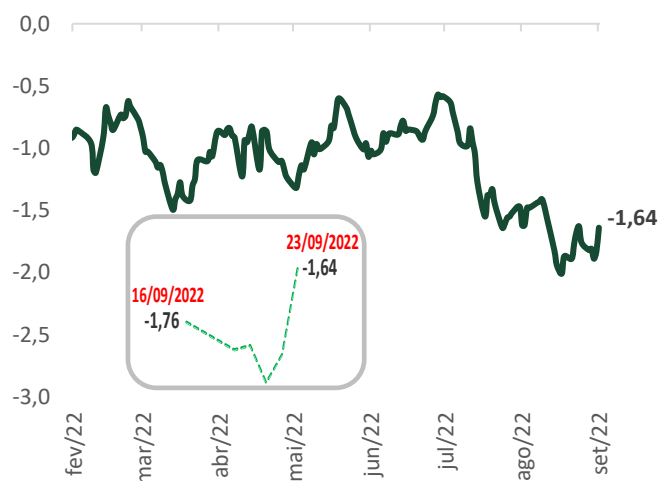


A taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias acumulou contração de -0,37 p.p. na semana, encerrando em 13,28% a.a.. Com a inflação esperada para os próximos 12 meses reduzindo -0,01 p.p. no período, a taxa real de juros *ex-ante* recuou -0,34 p.p. para 7,80%, ainda em patamar significativamente restritivo.

No mesmo sentido, houve redução de -0,46 p.p. na taxa de 2 anos, de -0,39 p.p. na de 3 anos, de -0,38 p.p. na de 4 anos e de -0,30 p.p. no de 5 anos. O fato de o Copom ter finalizado o seu processo de aperto monetário conjugado às seguidas quedas nas projeções inflacionárias para 2022 e 2023, sustentariam algumas apostas na antecipação do processo de redução da taxa Selic.

Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)

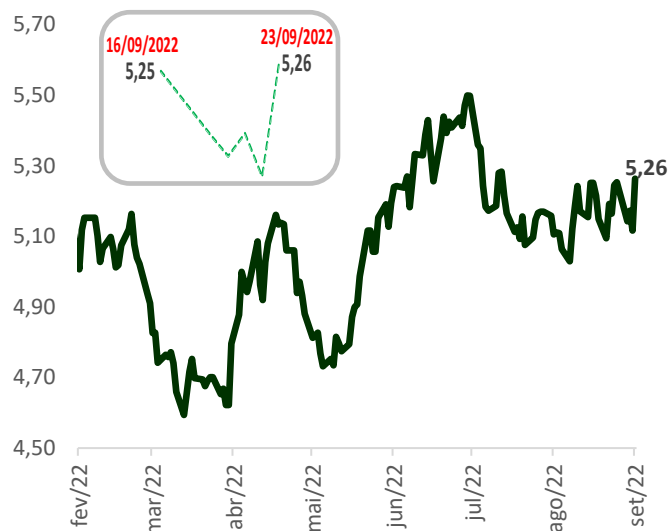


Por fim, o *spread* entre as taxas de juros de 10 anos e 1 ano negociadas na B3 registrou alta de 0,12 p.p. na semana para -1,64 p.p., permanecendo em campo negativo. Em linha, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e 1 ano na negociação de títulos públicos, divulgadas pela Anbima apontou alta de 0,15 p.p. para -1,23 p.p..

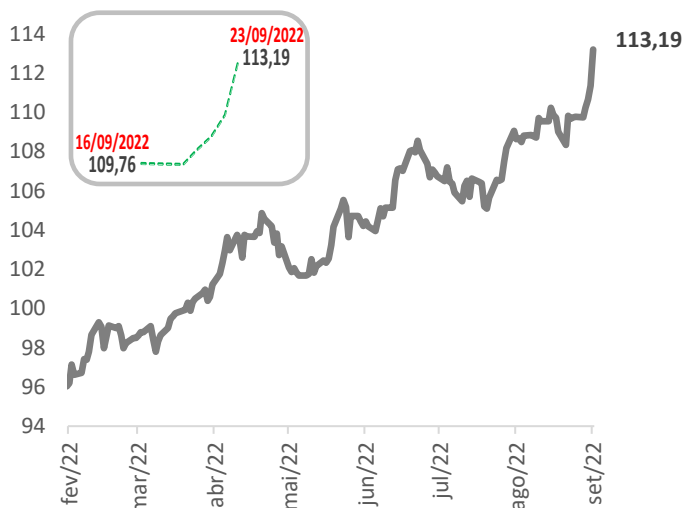
Fonte: B3. Elaboração ABBC

Câmbio

Real/US\$



Dollar Index



Índice de Emergentes*



O dólar encerrou a semana fortalecido no mercado internacional, tanto em relação às moedas dos países desenvolvidos quanto às dos emergentes. Com o aumento da aversão ao risco e a crescente percepção da aproximação de uma recessão global, a divisa norte-americana mostrou-se como um porto seguro. O *Dollar Index*, que mede o desempenho do dólar em relação às moedas de países desenvolvidos, subiu 3,1% no período. Contribuindo para essa alta as depreciações de -3,40% do euro, após divulgações de dados mais fracos da atividade, e de -5,17% na libra, após o governo do Reino Unido anunciar um extenso corte de impostos a fim de evitar a recessão.

Na mesma direção, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar apresentou queda de -1,4% na semana. Os temores de recessão impactaram negativamente as projeções de demanda das *commodities*, levando seus preços para baixo, com efeitos depreciativos nas moedas de países exportadores. Na semana, destaques para as depreciações de -1,35% no peso argentino, de -2,02% no renminbi e de -0,85% no peso mexicano e lira turca.

Por sua vez, o real manteve desempenho superior, encerrando a semana com depreciação de apenas -0,18%, com o dólar cotado a R\$ 5,26. Na semana, o Banco Central rolou os *swaps* cambiais com vencimento em 03/10/22. Realizou, ainda, 2 leilões de venda conjugados com leilões de compra de moeda estrangeira, na modalidade pós-fixado Selic. Sendo que no 1º nenhuma proposta foi aceita, enquanto no 2º foram aceitas 2 propostas no valor total de US\$ 2,0 bilhões.

*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

Atividade Global – Set/22

Fomc – Mediana das estimativas (%)

	2022		2023		2024	
	jun/22	set/22	jun/22	set/22	jun/22	set/22
PIB	1,7	0,2	1,7	1,2	1,9	1,8
Desemprego	3,7	3,8	3,9	4,4	4,1	4,4
Inflação (PCE)	5,2	5,4	2,6	2,8	2,2	2,3
Fed Funds	3,4	4,4	3,8	4,6	3,4	3,9

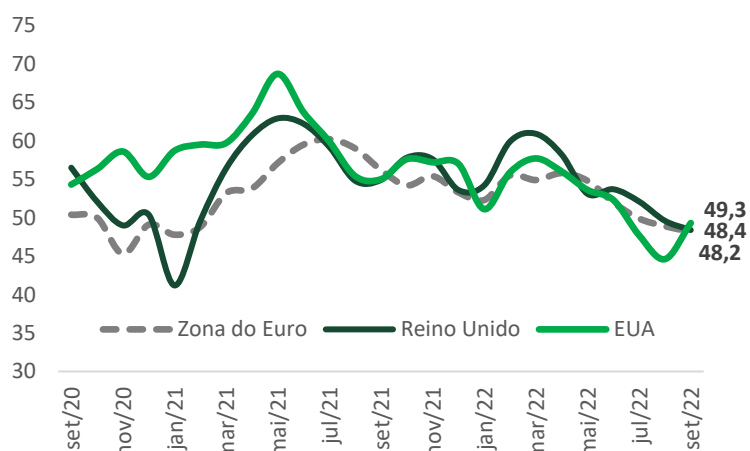
Fonte: Federal Reserve. Elaboração ABBC

Com o 3º aumento consecutivo de 0,75 p.p., o Fomc confirmou as expectativas de mercado elevando a meta da taxa de juros dos Fed Funds para o intervalo entre 3,0% e 3,25% a.a., que representa o maior nível desde dez/07. Mantendo o tom duro observado em ocasiões anteriores, o comitê reforçou o seu comprometimento com a estabilidade de preços, ainda que ele implique em uma desaceleração no ritmo da atividade econômica.

Segundo o comunicado, os indicadores recentes apontam para um crescimento modesto nos gastos e na produção. Os ganhos de emprego mantiveram-se robustos nos últimos meses e a taxa de desemprego continuou baixa. A inflação, por sua vez, permaneceu elevada, refletindo os desequilíbrios de oferta e demanda relacionados à pandemia, preços mais altos de alimentos e energia, além da pressão adicional oriunda da guerra entre Rússia e Ucrânia.

Em suas novas projeções, o Fomc indicou que o ciclo de aperto monetário deverá ser maior e mais prolongado do que o previsto, com a taxa média encerrando em 4,4% em 2022 e em 4,6% em 2023, atingindo desta forma um patamar suficientemente restritivo. O aperto monetário seria acompanhado de um menor crescimento (0,2% em 2022 e 1,2% em 2023) e de um acréscimo no desemprego (3,8% em 2022 e 4,4% em 2023). A mediana das projeções de inflação foi revista para cima, de 5,2% para 5,4% este ano, de 2,6% para 2,8% para 2023, convergindo para próximo da meta somente em 2024 (2,3% ante 2,2% anteriormente).

Índices de Gerentes de Compras (PMI) Países - Composite



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Além do Fomc, na semana, o Banco da Inglaterra (BoE) e os Bancos Centrais da Suíça, Filipinas, Indonésia, Noruega e África do Sul também elevaram suas taxas de referência para conter as pressões inflacionárias.

Do lado da atividade, as vendas de casas usadas nos EUA recuaram -0,4% em agosto, em comparação com ago/21, indicando alguma moderação da economia. A prévia do índice de gerentes de compras (PMI), medido pelo S&P Global, subiu de 44,6 pts. em ago/22 para 49,3 pts. em setembro, mantendo-se ainda em patamar de retração da atividade.

Na Europa, indicadores antecedentes mostraram em setembro sinais adicionais de recuo na atividade econômica da região, reforçando os temores com uma recessão. A prévia dos PMIs recuou de 48,9 pts. em agosto para 48,2 pts. na Zona do Euro e de 49,6 pts. em agosto para 48,4 pts. no Reino Unido. Ocorrendo tanto na indústria quanto no setor de serviços, a deterioração decorreu do aumento dos custos com energia e da retração da demanda, em consequência das pressões inflacionárias, reduzindo a renda disponível, e do aperto da política monetária em curso.

Copom - Set/22

Cenário Básico Projeções de Inflação do Copom			
	2022	2023	2024
	Cenário de Referência		
Câmbio R\$/US\$ *	R\$ 5,20	R\$ 5,20	R\$ 5,20
Selic %	13,75%	11,25%	8,00%
Preços Administrados	-4,00%	9,30%	3,70%
Inflação**	5,80%	4,60%	2,80%
Bandeira Tarifária***	Verde	Amarela	Amarela

* Ajuste pela paridade do poder de compra (PPC)

** Adota-se a premissa na qual o preço do petróleo segue aproximadamente a curva futura pelos próximos 6 meses, passando a aumentar 2% a.a. posteriormente

*** Em dezembro

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Mesmo com o balanço de riscos apresentando variância maior do que a usual para a avaliação da inflação prospectiva, o Copom manteve a taxa Selic em 13,75% a.a., provavelmente encerrando o seu ciclo de elevação. Ademais, enfatizou que a política monetária possa ser ajustada caso o processo de desinflação não transcorra como esperado. Refletindo o elevado grau de incerteza em torno das suas premissas e projeções, a decisão não foi unânime de forma que 2 diretores votaram por uma elevação residual de 0,25 p.p.. Porém, a expectativa majoritária é de que a estratégia seja compatível com a convergência da inflação para a meta ao longo do horizonte relevante, abrangendo 2023 e, em grau menor, 2024.

Como hipóteses no cenário de referência teve-se: (1) a trajetória para a taxa de juros extraída da pesquisa Focus que pressupõe a Selic finalizando 2022 em 13,75% a.a., reduzindo-se para 11,25% a.a. em 2023 e 8,00% em 2024; (2) a taxa de câmbio de R\$5,20/US\$ e ajustando-se segundo a paridade do poder de compra (PPC); e (3) o preço do petróleo acompanha aproximadamente a curva futura nos próximos 6 meses, passando a aumentar 2% a.a. posteriormente. Com isso, as projeções de inflação do Copom situam-se em 5,8% para 2022, 4,6% para 2023 e 2,8% para 2024. Para os preços administrados foram de -4,0% para 2022, 9,3% para 2023 e 3,7% para 2024. Adicionalmente, adota-se a hipótese de bandeira tarifária "verde" em dez/22 e "amarela" em dez/23 e dez/24. Com o objetivo de suavizar os efeitos decorrentes das mudanças tributárias, mas incorporando os impactos secundários, a projeção para a inflação acumulada em 12 meses no 1T24 situar-se-ia em 3,5%.

No ambiente doméstico, destacou-se o crescimento robusto da atividade no 2T22 e dos indicadores de alta

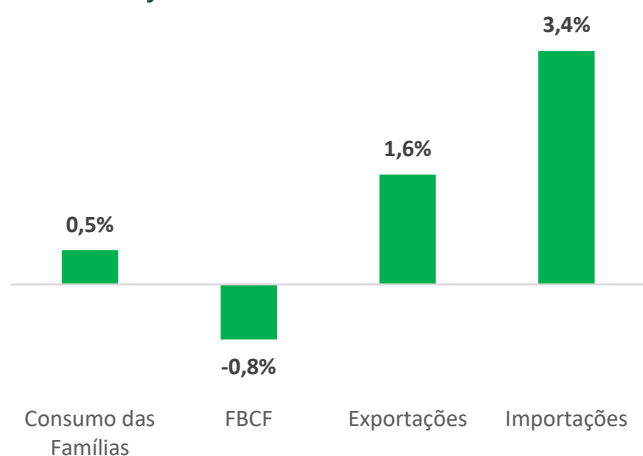
frequência. A inflação, por sua vez, a despeito da recente queda em itens mais voláteis e dos efeitos de medidas tributárias, permanece elevada, com as diversas medidas subjacentes apresentando-se acima do intervalo compatível com o cumprimento da meta.

Não houve alteração significativa no balanço de riscos da inflação, persistindo as incertezas nas premissas utilizadas em sua mensagem. Dentre os riscos de baixa, o Copom voltou a assinalar a queda adicional dos preços das commodities internacionais em reais, a desaceleração da atividade econômica global mais acentuada e a manutenção dos cortes de impostos em 2023. Já como de alta, enumerou a persistência das pressões inflacionárias globais e a não previsibilidade do arcabouço fiscal e dos estímulos fiscais que tenham impacto na demanda agregada, parcialmente incorporados nas expectativas de inflação e nos preços de ativos. Como novidade na comunicação, o Copom assinalou um eventual estreitamento do hiato do produto em relação ao utilizado em seu cenário, particularmente no mercado de trabalho.

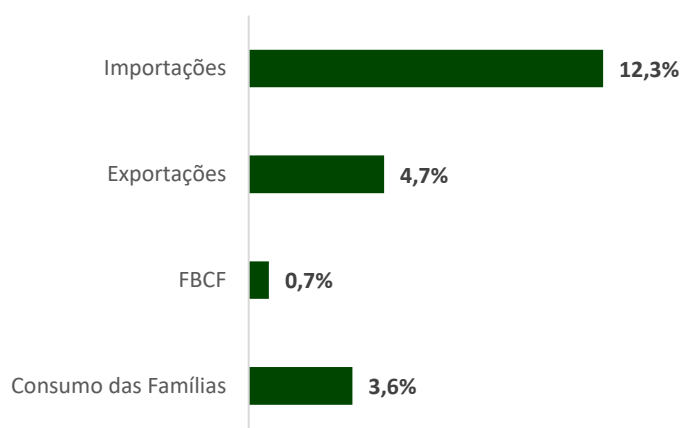
A decisão de conservar a Selic em 13,75% a.a. é justificada, principalmente, pelo fato de que a taxa real de juros *ex-ante* já se encontra em terreno fortemente contracionista e, adicionalmente, devido à defasagem da política monetária – o efeito do aperto sobre a inflação corrente passará a ser observado de forma mais clara a partir desse semestre. Por fim, a manutenção da taxa básica de juros por um período suficientemente longo deverá garantir a convergência da inflação, assim como a ancoragem das expectativas.

Monitor do PIB - Jul/22

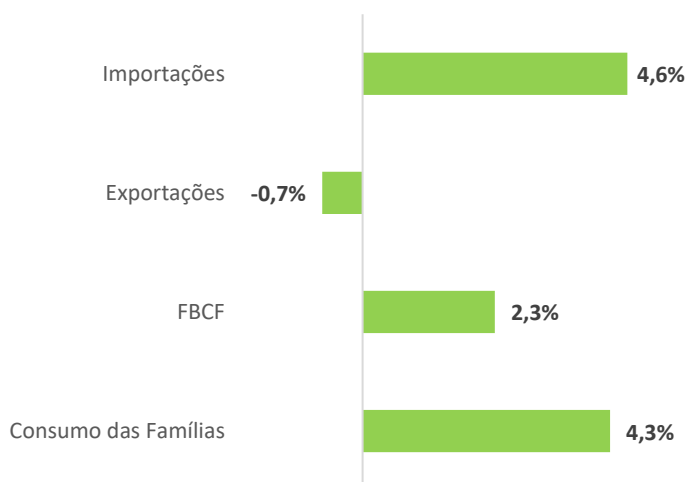
Variação Mensal - Por componente da demanda Série com ajuste sazonal



Variação Interanual - Por componente da demanda Contra mesmo mês do ano anterior



Variação Trimestral - Por componente da demanda Série com ajuste sazonal



O monitor do PIB, elaborado pela FGV, sinalizou a continuidade de recuperação da atividade econômica, sustentada fundamentalmente pelo consumo. Na série com ajuste sazonal, houve crescimento de 0,6% em julho ante uma variação de 0,1% em jun/22. Em relação a jul/21, o indicador registrou alta de 3,1% a.a.. No trimestre móvel findo em julho, ante o mesmo trimestre em 2021, a alta foi de 3,3%. A evolução tem refletido o impacto do retorno das atividades presenciais, como serviços, transporte e comércio. Entretanto, esse efeito deve perder intensidade com a redução da demanda reprimida na pandemia. Adicionalmente, espera-se algum arrefecimento no 2S22 por conta do aperto das condições financeiras, a despeito do arrefecimento da inflação. Para FGV, a expectativa é de que o PIB em 2022 encerre com alta em torno de 2%.

Pela ótica da demanda, o consumo das famílias cresceu 0,5% na margem e 3,6% em comparação com jul/21. Enquanto o consumo de bens duráveis tem contribuído negativamente, a alta de 4,3% na variação trimestral interanual do indicador tem sido sustentada pelo consumo de serviços e o de produtos não duráveis.

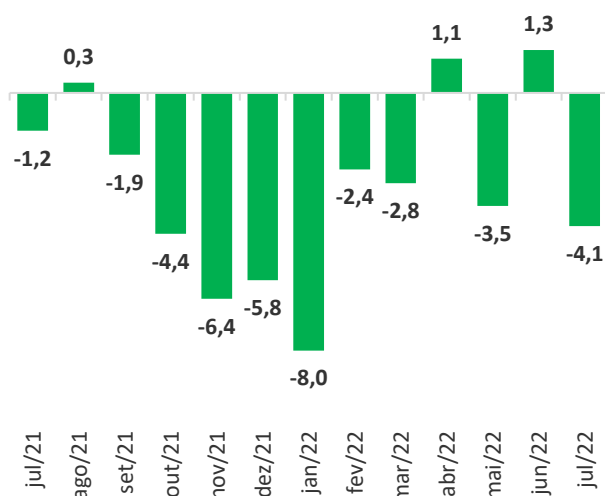
Após a sequência de 5 trimestres em crescimento, a formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) sofreu recuo de -0,8% na margem, sinalizando a diminuição de expansão da capacidade produtiva devido não só ao elevado nível da taxa de juros, mas fundamentalmente pela falta de confiança dos empresários no cenário econômico. Como na variação mensal, o índice recuou -0,7% na variação anual, porém registrou alta de 2,3% no trimestre em relação ao mesmo período de 2021.

O nível de exportações aumentou 1,6% no mês, contribuindo na variação de 4,7% em relação a jul/21. As importações também registraram alta de 3,4% na comparação mensal, de 4,6% na base trimestral e de 12,3% na interanual.

Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Transações Correntes - Jul/22

Saldo Mensal Em US\$ Bilhões



Acumulado em 12 meses Em US\$ bilhões



Investimento Direto no País Acumulado em 12 meses - em US\$ bilhões



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Ainda com defasagem, o Banco Central divulgou as estatísticas do setor externo de junho e julho. O saldo em transações correntes do balanço de pagamentos foi superavitário em US\$ 1,3 bilhão em junho (US\$ 2,0 bilhões em jun/21) e deficitário em US\$ -4,1 bilhões em julho (US\$ -1,2 bilhão em jul/21). O resultado mensal de julho foi impactado pelo aumento do déficit na conta de renda primária para US\$ -6,5 bilhões (US\$ -3,4 bilhões em junho), com o significativo aumento das remessas de lucros e dividendos, além do resultado negativo de US\$ -2,1 bilhões na conta de serviços (-US\$ 3,2 bilhões em junho). Apesar do arrefecimento, o saldo da balança comercial seguiu com desempenho favorável, com superávit de US\$ 4,2 bilhões em julho ante US\$ 7,4 bilhões em junho. No período, as exportações somaram US\$ 30,2 bilhões e as importações, US\$ 26,1 bilhões, representando na margem queda de -9,0% e alta de 1,0%, respectivamente.

No acumulado do ano, o déficit nas contas externas soma US\$ -18,4 bilhões. Para 2022, o Banco Central estima um superávit na conta corrente de US\$ 4,0 bilhões, de acordo com a projeção atualizada no último Relatório Trimestral de Inflação, em junho.

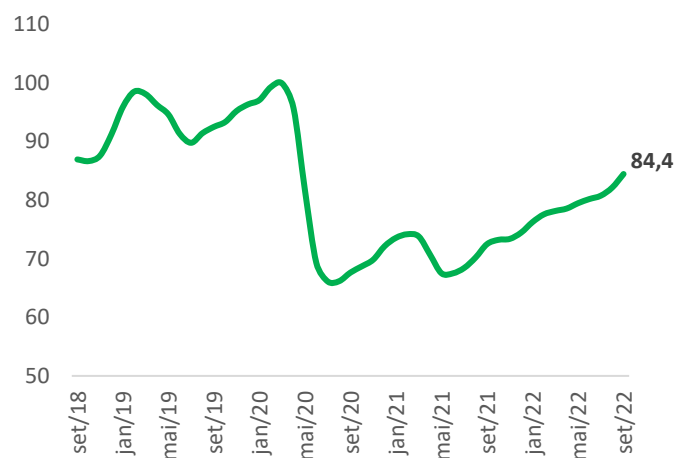
O déficit em transações correntes acumulado em 12 meses totalizou em julho US\$ -36,6 bilhões (2,08% do PIB), contra US\$ -33,6 bilhões (1,92% do PIB) em jun/22 e US\$ -20,9 bilhões (1,37% do PIB) em jul/21. A piora no desempenho reflete a redução no superávit da balança comercial, motivada pelo aquecimento da atividade com crescimento mais intenso das importações (28,8% a.a.) do que das exportações (24,8% a.a.). Houve, ainda, a contribuição dos déficits na balança de serviços com a retomada das viagens internacionais e a maior remessa de lucros e dividendos.

Por fim, a entrada de Investimento Direto no País (IDP) encerrou em US\$ 7,7 bilhões em jul/22, após o ingresso de US\$ 5,2 bilhões em junho (US\$ 6,6 bilhões em jul/21). Desta forma, o IDP acumulado em 12 meses ficou em US\$ 65,6 bilhões em jul/22 (3,73% do PIB), mantendo sua trajetória crescente, com elevação de 1,7% no mês, 41,3% no ano e 46,0% a.a..

Finalizando, o Departamento de Estatística do Banco Central informou que a revisão ordinária anual da série ocorrerá em novembro em função do atraso na divulgação das estatísticas.

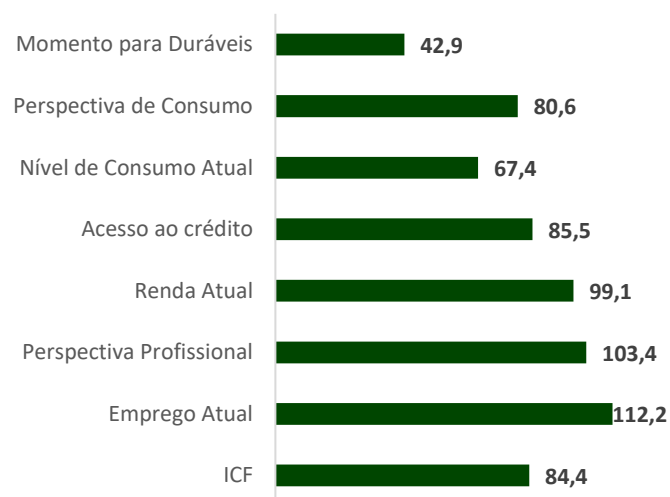
Intenção de Consumo das Famílias - Set/22

ICF



A pesquisa realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) indicou que a Intenção de Consumo das Famílias (ICF) aumentou 1,4% em setembro ante o mês anterior para 84,4 pts., superando em 16,5% o índice de set/21. Mesmo com a alta em todos os meses do ano, o índice continua abaixo dos 100 pts., faixa que indica a percepção de insatisfação das famílias em relação a emprego, renda e capacidade de consumo.

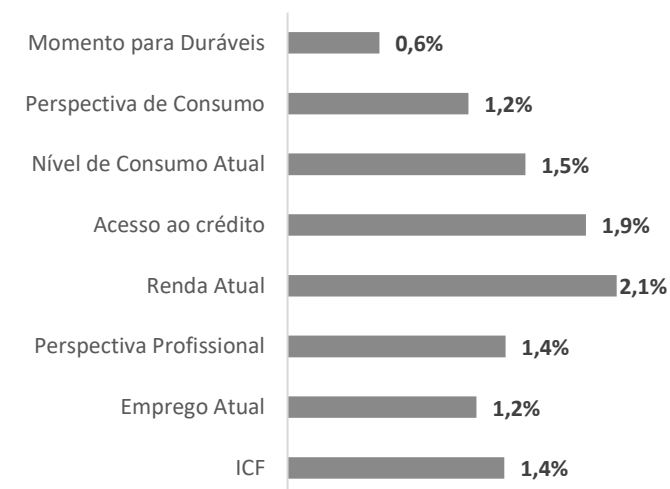
Por Componente



O aumento do ICF no mês se deu pela melhora no mercado de trabalho, com alta em todos os componentes. Como consequência, o índice de emprego atual avançou 1,2% na margem para 112,2 pts., indicando uma melhora de 25,3% na percepção das famílias em relação set/21. Destaque também para o indicador de perspectiva profissional, que uma obteve alta de 1,4% no mês, fechando em 103,4 pts., demonstrando otimismo para os próximos 6 meses.

Apesar da alta mensal em todos os componentes, os 5 demais itens estão abaixo da linha de 100 pts., demonstrando pessimismo. Desses itens, destaque para renda atual, cuja alta mais expressiva de 2,1% na margem levou o indicador a 99,1 pts., em consequência da recuperação de parte do poder de compra devido às deflações nos últimos 2 meses e do aumento do valor do auxílio Brasil, que beneficiou as famílias de menor renda. Por fim, o indicador que mede a perspectiva de consumo aumentou 1,2% no mês para 80,6 pts., impulsionado pelas famílias com renda superior a 10 salários-mínimos, dada a vulnerabilidade das famílias de menor renda.

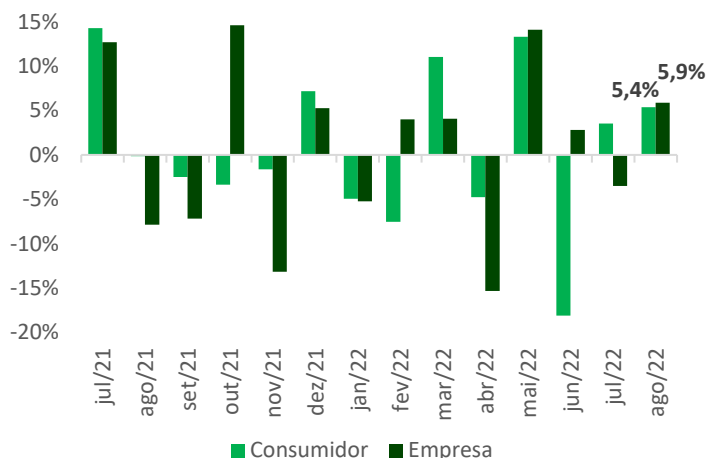
Variação Mensal Série com ajuste sazonal



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

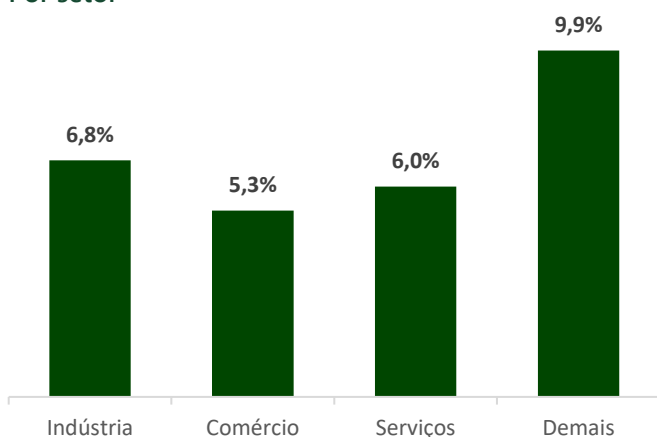
Demanda por Crédito - Ago/22

Variação Mensal



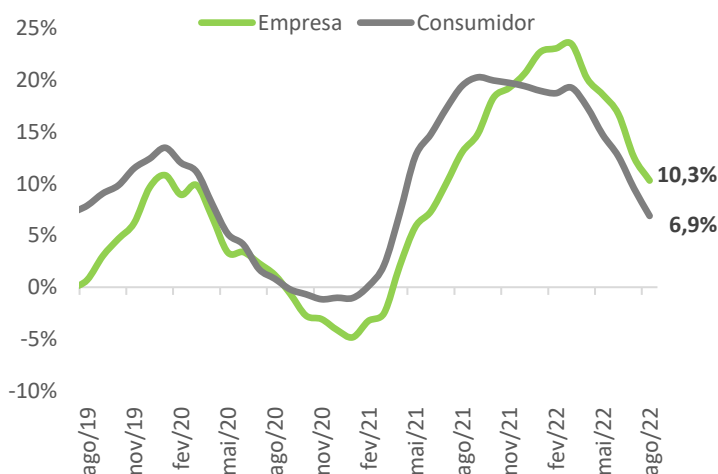
O Indicador de Demanda por Crédito (IDC), da Serasa Experian, apontou aumento na procura de empresas em 5,9% em agosto contra queda de 3,5% no mês anterior. A alta no mês se deveu pela maior procura por crédito em todos os setores, com destaque para demais setores, que passou de um recuo de -7,1% para uma alta de 9,9%, e indústria, de -4,2% para 6,8%. Levando-se em consideração o porte da empresa, o resultado foi alavancado principalmente pelas micro e pequenas, com alta de 6,1% no mês, e em menor escala, pelas grandes, apresentando elevação marginal de 0,2%. Em sentido oposto, as médias empresas registraram demanda 0,9% abaixo em relação a jul/22.

Variação Mensal Por setor



Ainda com o aumento da demanda das empresas no mês, a variação anual acumulada em 12 meses mantém-se em trajetória cadente, registrando a 5ª queda consecutiva, para 10,3% a.a. em agosto contra 12,5% a.a. em jul/22. Na mesma base comparativa, o setor de serviços segue como o principal demandante, porém acompanhando o ritmo de queda do indicador para 17,7% a.a. (20,4% em jul/22).

Variação Anual Acumulado em 12 meses



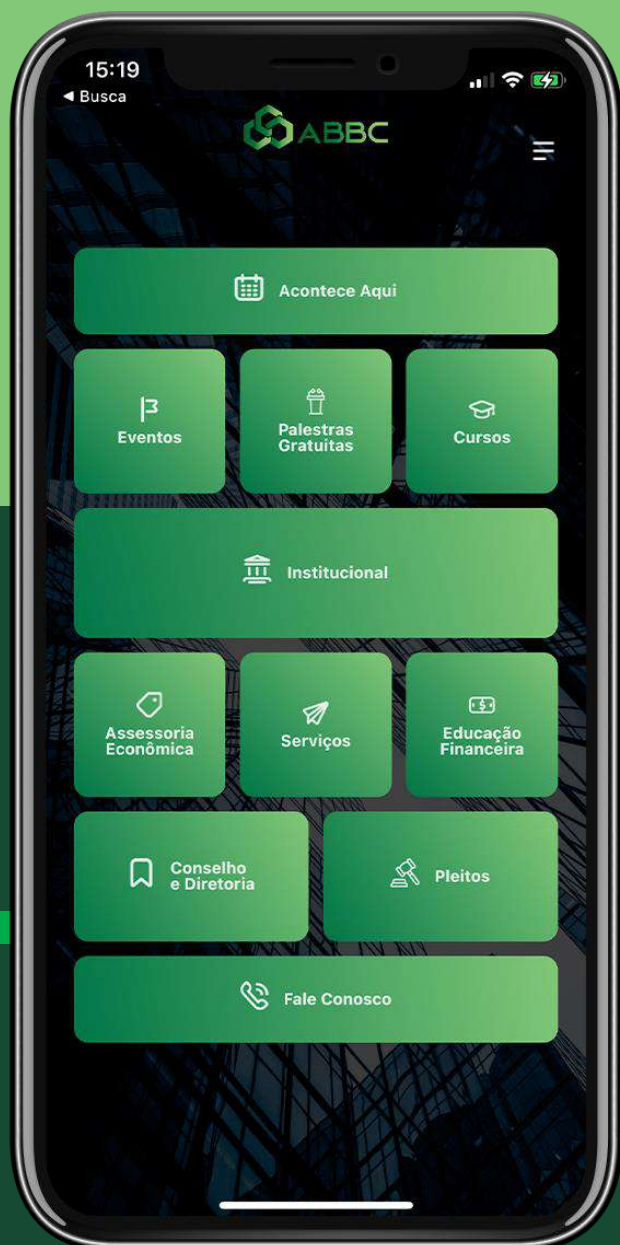
Pelo lado do consumidor, a demanda por crédito registrou alta de 5,4% no mês devido à maior procura em todas as faixas de renda, com destaque para consumidores com renda superior a R\$ 10.000,00/mês, com expansão de 5,8% em ago/22 contra 2,6% em jul/22. Os consumidores com renda de até R\$ 500,00/mês tiveram aumento menos significativo com alta de 4,9% (4,7% em jul/22).

Assim como na demanda das empresas, a variação anual acumulada em 12 meses da demanda dos consumidores apresentou variação positiva, porém seguindo em trajetória cadente, registrando 6,9% a.a. em ago/22 contra 9,5% a.a. em jul/22. Ao contrário do resultado do mês, a faixa de renda mais demandante no acumulado em 12 meses é a de até R\$ 500,00/mês, passando de 13,3% a.a. para 9,7% a.a..

Fonte: Serasa Experian. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	2,9	0,7
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	12,8	6,9
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	8,7	9,1
IPCA (% a/a, fim de período)	4,3	4,5	10,1	5,8	4,9
IGP-M (% a/a, fim de período)	7,3	23,1	17,8	8,3	4,7
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	11,25
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	70,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-25,0	-30,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	60,0	66,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,20	5,20
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	0,5	-0,5
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-6,8	-7,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	59,0	63,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	76,0	78,5



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688